

## João da Filmadora e as narrativas midiáticas

Míriam Cristina Carlos SILVA<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo aborda os primeiros resultados da pesquisa “Narrativas midiáticas: Entre o fato e o acontecimento, nas pautas de João da Filmadora”. Nele, apresenta-se o comunicador informal João da Filmadora, que levanta pautas da cidade de Campina do Monte Alegre / SP, a fim de divulgá-las como notícia para as mídias locais, regionais, nacionais e internacionais. Busca-se entender a natureza das narrativas, o papel do narrador e algumas noções de fato, acontecimento e acontecimento midiático. Conclui-se que João da Filmadora é um mediador contemporâneo, graças ao uso que faz das tecnologias de comunicação, e ciente do poder simbólico de se ter voz nas mídias. Sobre as narrativas, percebe-se o ficcional presente nos fatos utilizado como um valor-notícia.

**Palavras-chave:** Narrativas midiáticas. Narrador. João da Filmadora.

### Abstract

This article discusses the first results of the research "Mediatic Narratives: Between fact and event, the agendas of João da Filmadora". In it, we present the informal communicator João da Filmadora, which realizes agendas of Campina do Monte Alegre / SP in order to disseminate them as news to the local, regional, national and international media. It seeks to understand the nature of the narratives, the role of the narrator and some notions of fact, event and media event. The conclusion is that João da Filmadora is a mediator contemporary, because of his use of communication technologies, and aware of the symbolic power of having a voice in the media. About the narratives, the fictional in the facts is a value-news.

**Keywords:** Mediatic narratives. Narrator. João da Filmadora.

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em Comunicação Social. Doutora em Comunicação e Semiótica. Professora titular do mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

## Introdução

Campina do Monte Alegre, localizada no interior do estado de São Paulo, é uma cidade com aproximadamente 6.000 habitantes. Lá nasceu e vive João Gomes Neto, 45 anos, conhecido como João da Filmadora, que desde a década de 1990, quando adquiriu uma filmadora VHS, realiza filmagens amadoras sobre a cidade e suas histórias. A partir da aquisição da câmera, a primeira de Campina, começou a produzir matérias regionais, que em seguida eram enviadas para as mídias locais. Com a aceitação das pautas, além das filmagens que realizava, começou também a distribuir releases para as mídias regionais e nacionais.

Apesar de ter estudado apenas até a quarta série do ensino fundamental, João da Filmadora tornou-se uma espécie de jornalista informal na cidade de Campina, e a partir de 2008, passou a utilizar a internet, ampliando seus contatos e fontes e firmando-se como produtor autodidata e, especialmente, como fonte para jornalistas e produtores profissionais. Suas pautas abordam temas variados, entre os quais estão aqueles de cunho mítico, como o de saci criado em garrafão e galinha em cuja moela foi encontrado ouro. Outras trazem fatos do cotidiano de Campina, como a história de um boi criado como animal de estimação, ou a prática de não se trancar portas, janelas e carros na cidade. Porém, entre as notícias mais repercutidas levantadas como pauta por João, está, com um cunho mais histórico e informativo, a da “Fazenda Nazista”, que originou matérias regionais, nacionais e internacionais de grande destaque. Na Fazenda Cruzeiro do Sul, localizada em Campina do Monte Alegre, foram adotadas e submetidas a um regime escravo de trabalho, aproximadamente, 50 crianças negras. João da Filmadora utilizou como fonte o testemunho de José Ricardo Maciel, morador de Campina, casado com a atual proprietária. Ao realizar uma reforma em um chiqueiro, Maciel encontrou tijolos com a suástica, o que levou à descoberta de que os antigos proprietários eram simpatizantes do nazismo. Na mesma região, foi encontrado o senhor Aloísio Silva, 89 anos, sobrevivente da

fazenda e apontado por João como testemunha dos fatos<sup>2</sup>. A história serviu como objeto de pesquisa de doutorado, defendido na Universidade de Campinas, em 2011, pelo historiador Sydney Aguilar Filho. Com a repercussão do trabalho acadêmico, o interesse da mídia pela pauta aumentou ainda mais, gerando inúmeras matérias, mas se destaca o fato de que, antes da defesa de doutorado, e graças à pauta de João da Filmadora, Roberto Cabrini já havia realizado uma reportagem sobre a Fazenda Nazista, exibida em 2008, no Domingo Espetacular da rede Record, portanto, João foi um dos primeiros a trazer o fato como pauta para ser transformada em notícia.

Antes de se tornarem notícias, as pautas sugeridas por João da Filmadora constituem-se como narrativas, nas quais há um enredo, personagens, um espaço e um tempo. Cabe questionar, entretanto, qual a distância entre os fatos e aquilo que é noticiado, bem como qual é o papel do narrador João da Filmadora na constituição destas narrativas como acontecimentos midiáticos.

---

2 Alguns entre os inúmeros links em que se pode verificar a repercussão da pauta sobre a Fazenda Nazista:

<http://www.youtube.com/watch?v=KdmfRDRP96c>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina\\_do\\_Monte\\_Alegre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina_do_Monte_Alegre)

[http://www.istoe.com.br/reportagens/234198\\_ESCRAVOS+DO+NAZISMO+NO+BRASIL](http://www.istoe.com.br/reportagens/234198_ESCRAVOS+DO+NAZISMO+NO+BRASIL)

<http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2012/03/marcas-do-nazismo-chamam-atencao-no-interior-de-sao-paulo.html>

<http://www.casacivil.sp.gov.br/biblioteca-ccivil/noticias/MostraNoti.asp?par=1260>

<http://www.hojeemdia.com.br/noticias/politica/praticas-segregacionistas-criancas-receberam-educac-o-nazista-1.31600>

<http://noticias.terra.com.br/educacao/tese-de-doutorado-revela-praticas-nazistas-no-brasil,cc3c42ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

<http://www.cruzeirodosul.inf.br/acessarmateria.jsf?id=381810>

<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/536/tese-da-area-da-educacao-revela-praticas-de-inspiracao-nazista-no-pais-antes-da-2a-guerra>

[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/me\\_gerais/33,95,33,102/2012/09/05/me\\_gerais\\_interna,320700/nazismo-a-brasileira.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/me_gerais/33,95,33,102/2012/09/05/me_gerais_interna,320700/nazismo-a-brasileira.shtml)

<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=1&n=38291>

<http://www.youtube.com/watch?v=StpqWawmCNU>

## **Narrativas: de Benjamin ao acontecimento midiático**

Benjamin (1982) discutiu a raridade do saber narrar, apontando para a dificuldade em se encontrar alguém que saiba fazê-lo devidamente. Em que se pese o contexto de crise da época, já que o texto foi escrito em 1932, cremos ser possível transpor as ideias de Benjamin para o momento presente. Para o autor, parecíamos estar privados de uma faculdade que nos pertencia de modo inalienável, a de intercambiar a experiência, fonte de todos os narradores, caracterizados por dois formatos: o viajante, que traz do longe de outras terras os fatos a serem contados; e o narrador tradicional, que jamais deixou o seu lugar, entretanto, conhece com profundidade as tradições, pois as presenciou. A primeira hipótese desta pesquisa apontava para a possibilidade de que João da Filmadora fosse um narrador da tradição, pois nunca saiu de Campina do Monte Alegre e relatava fatos experimentados em seu cotidiano. Entretanto, ao longo da pesquisa, por meio das entrevistas realizadas para se verificar o modo como João construía suas pautas, percebeu-se que se trata de um mediador de narradores tradicionais, pois conhece as fontes da tradição, mais do que a própria tradição como experiência. João sabe onde encontrar narradores experientes, que são velhos moradores de Campina, e percebe como deve reestruturar as narrativas a fim de despertar o interesse das mídias por elas. Entre estas fontes, uma das mais recorrentes é o senhor Carmo Lourenço Gomes, um dos mais antigos moradores de Campina e tio de João. Não se pode afirmar, ainda, que João da Filmadora seja um narrador viajante, na concepção de Benjamin, mas apesar de nunca sair de Campina, é um viajante das redes, pois está constantemente conectado, especialmente ao Facebook, o que faz questionar se não se trata de um narrador contemporâneo, cujas narrativas caracterizam-se não apenas por ser um mediador capaz de compartilhar suas histórias, mas de histórias compartilhadas graças às características da rede, que imprimem uma mobilidade capaz de atingir as mídias dentro de uma amplitude que seria impossível caso João não pudesse manejar esta tecnologia. Por meio das redes, João extrapolou as fronteiras de Campina, ao conseguir pautas de outras localidades, como o caso da matéria

veiculada pelo jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba/SP, sobre uma mulher da cidade de Araçariguama/SP, distante a aproximadamente 200 km de Campina, que foi sequestrada na infância e passou anos sofrendo abuso. Quando dispunha apenas da filmadora e do telefone, os contatos de João eram mais restritos às mídias locais. Com a internet, passou a pautar com mais frequência as mídias regionais, nacionais e até internacionais, como a BBC de Londres.

Benjamin (1982) explica que a narrativa está revestida de uma dimensão utilitária, como um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma norma de vida. Configura-se como um conselho dado pelo narrador, que retira a narrativa da sua própria experiência ou daquela relatada pelos outros. Muitas das histórias pautadas por João possuem este caráter utilitário, trazendo personagens que servem como um exemplo de vida, como no caso de Jorgina, uma mulher sem parte dos braços e das pernas, mas que, apesar destas limitações, realiza tudo em seu dia a dia de forma autônoma. Segundo o filósofo, a narrativa pode recorrer ao miraculoso, enquanto a informação aspira a uma verificação imediata. As pautas tratadas por João da Filmadora ora revestem-se de um caráter tradicional, como no caso das narrativas de sacis e assombrações; histórias que se repetem infinitamente e não se esvaziam, por seu caráter maravilhoso. Outras pautas, porém, possuem um caráter mais informativo, e podem ser comprovadas a partir de indícios e testemunhos, como no caso da Fazenda Nazista, em que fotos do gado nelore marcado com a suástica nas ancas e os tijolos encontrados por Maciel servem como provas.

Ao atualizar os conceitos de Benjamin sobre o narrador, o que se pode perceber no caso do narrador contemporâneo, João da Filmadora, é que a importância do narrar e do narrador, seja em qualquer tempo, está no fato de que a partir das narrativas o homem consegue explicitar, reviver, transformar e criticar o seu próprio viver. E este narrar, na atualidade, faz uso das muitas mídias que se encontram à disposição de um número cada vez maior de usuários e fruidores. Nas narrativas pautadas por João da Filmadora, identifica-se uma fatia de mito e de sensacionalismo, associada à criatividade, ao delírio e à suspensão do cotidiano e que pode ser justificada como notícia, refletindo-se sobre as

ponderações de Sodré (2009), para quem a objetividade e a neutralidade jornalísticas são conceituadas e colocadas em questão:

Não se trata de manipulações deliberadas nem de mentiras, mas de interpretações que podem muitas vezes lançar mão de recursos típicos da ficção literária, com vistas à criação de uma atmosfera semântica mais compreensiva. Apesar de sua aposta histórica no esclarecimento neutro, a notícia não prescinde, em termos absolutos, do apelo à carga emocional contida nos estereótipos que derivam das ficcionalizações ou dos resíduos míticos (SODRÉ, 2009, p. 16).

O autor explica que “o cerne da objetividade ideológica da notícia é constituído dos mesmos materiais expressivos de que se valia o narrador antigo para cimentar com palavras os laços comunitários” (SODRÉ, 2009, p.15).

Ao fazer, das pautas de João da Filmadora, notícias, as mídias exploram o que há de ficcional nos fatos. Neste sentido, o valor-notícia comporta uma certa ficcionalidade, que suscita a atenção do público justamente por seu caráter de inverossímil. Há a utilização de mecanismos de verossimilhança, mas há, sobretudo, aspectos que visam envolver sensorialmente ou afetivamente o público. Precede à construção da notícia o crivo que filtra aquilo que deve e que não deve ser averiguado, reportado, editado e apresentado ao público. Meditsch (2010) aponta para a necessidade da crítica em relação ao conceito de jornalismo como construção, em que, muitas vezes

o objetivismo ingênuo se contrapõe a um subjetivismo ingênuo: no segundo, a metáfora da total exterioridade se contrapõe à da total interiorização midiacêntrica, levando ao absurdo lógico de uma visão de construção da realidade esgotada pelo protagonismo da mídia (MEDITSCH, 2010, p. 19).

Portanto, é certo que a notícia envolve um processo construtivo em que a objetividade se associa a múltiplas subjetividades e, neste caso, parece pesar a atração do público pelo inusitado, pelo fantástico, pelo incrível, que configuram muitas das pautas sugeridas por João da Filmadora.

Assim, a transformação do fato em notícia obedece a critérios de noticiabilidade, dentre os quais figura a aceitação da audiência, ou seja, há a opção por se ofertar aquilo que o público deseja saber. O interesse público, portanto, não é apenas aquilo que é importante para a sociedade, mas também aquilo em que o público acredita como algo importante e que, por outro lado, poderá atender ao interesse das próprias mídias, ao gerar repercussões, produzindo ainda mais notícias. Desta forma, a mídia não é detentora absoluta dos enquadramentos a serem estabelecidos na interpretação dos fatos, mas é guiada por consensos interpretativos.

Pontes e Silva (2010) explicam que, para o jornalismo, a noção mais comum de acontecimento está ligada “aos fatos que acontecem na realidade” (p. 52). O acontecimento é compreendido na “relação entre os fatos e suas consequências diretas sobre a vida em determinada sociedade” (idem):

O jornalismo coloca-se como mediador que possui a tarefa de trazer esse acontecimento exterior para a interioridade do texto, dando-lhe o destaque pertinente à importância que esses fatos tomam para o público em geral. O jornalismo mostra-se como o próprio lugar em que o acontecimento transforma-se em texto. Um texto que se julga constantemente transparente, submetido a uma ética que lhe seria inerente (PONTES e SILVA, 2010, p. 52).

Pontes e Silva (2010) destacam, porém, que, apesar da hegemonia com que é tratado o critério de noticiabilidade pautado pelo realismo, pelo comprometimento com a verdade, é possível uma revisão que parta da própria noção de acontecimento noticioso. Destaca-se, desta forma, seu desdobramento nos conceitos de pseudo-acontecimento, acontecimento midiático e meta-acontecimento (PONTES e SILVA, 2010, p. 54). O pseudoacontecimento é provocado pela mídia, mediante situações artificiais que objetivam ter o que dizer. São fatos “criados por celebridades, autoridades, empresas ou instituições com a finalidade de se manterem presentes na mídia” (ibidem). Os autores explicam que, de acordo com Martino (2009), Boorstin é o introdutor do conceito de pseudoacontecimento, surgido da “desmesura dessa demanda, que força a produção de conteúdos, alterando seu sentido. Os



jornais não podem mais se limitar a recolher e espelhar os acontecimentos do mundo, faz-se necessário sua fabricação para atender à avidez do público” (idem, p. 54).

João da Filmadora tornou-se conhecido por parte da grande mídia, uma fonte à qual se recorre sempre que necessário preencher um espaço vazio, sobretudo quando se deseja ofertar uma dose de excentricidade, de humor ou até mesmo de poesia, patentes nas notícias levadas ao ar pelo "Balanço Geral", da TV Record. Também tornou-se conhecido nas redes sociais e respeitado em Campina do Monte Alegre. Por outro lado, parece ter criado uma auto-necessidade de pautar, constantemente, o que o leva, muitas vezes, à fabricação de notícias que, se devidamente checadas, mostram-se bastante distantes dos fatos, pseudoacontecimentos, produzidos a partir da lógica regida pela indústria produtora de informações e pela curiosidade do público, sedento de novidades. Também pautados em Martino (2009), Pontes e Silva (2010) explicam que, para o autor, o pseudoacontecimento estaria vinculado ao acontecimento midiático, pelo fato de ser veiculado e organizado pela mediação tecnológica. Dentre as possíveis formas de mediação tecnológica, destaca-se a internet, a mais utilizada por João, como aquela na qual a velocidade entre o fato e o acontecimento é tal que, inúmeras vezes, não existe a checagem de dados e fontes, tampouco a exposição de todas as partes envolvidas. Existe, sim, a pura imediatividade: noticia-se e depois, apura-se.

É recorrente a classificação do acontecimento como aquilo que rompe com a normalidade, com a ordem das coisas. O que ocorre é uma ruptura. E dessa ruptura, inicia-se “um processo que é o da busca pelo sentido, pela explicação” (BERGER e TAVARES, 2010, p. 123).

O meta-acontecimento é aquele no qual o “jornalismo se faz pela linguagem, na forma de narrativa” (PONTES e SILVA, 2010, p. 55). Ao se fazer narrativa, o jornalismo se transformaria ele mesmo em um tipo de acontecimento: “o acontecimento narrado já não é o mesmo acontecimento primeiro, é meta-acontecimento. Uma narrativa que se dá em outra temporalidade – o que valeria tanto para o jornalismo como para a História” (ibidem).



Os meios de comunicação são produtores de visibilidade. O jornalismo é o responsável por retirar da superabundância dos fatos do mundo, invisíveis, aqueles que virão à tona, que ganharão existência como acontecimento. A pretensão de João da Filmadora ao atuar como um jornalista informal é retirar da invisibilidade a pequena cidade de Campina. Entende-se que

o que o jornalismo não diz, as angulações que ele descarta, as vozes que ele ignora – ou a forma como ele marginaliza o que parece perigoso e acomoda o diferente na ordem de um regime discursivo – terminam por estabelecer, indiretamente, um suposto consenso social. Como seu poder está no âmbito dos efeitos, o suposto consenso é geralmente tomado como efetivo consenso. O jornalismo é, assim, um acontecimento quando posso tomá-lo como registro dos valores hegemônicos de uma sociedade em uma época (BENETTI, 2010, p. 162).

Cabe perguntar se, ao trazer Campina do Monte Alegre e seu cotidiano para as mídias, João da Filmadora pode ser considerado um produtor de contrassensos, ao trazer aquilo que, pequeno e ignorado, marginalizado e diferente, não teria a menor chance de se fazer visível ou se, aliado às mídias convencionais, que transformarão as suas narrativas com uma dose de sensacionalismo e exotismo, apenas serve como um instrumento para reforçar estereótipos e à manutenção de consensos.

## **Considerações finais**

As mídias, ao trazerem suas narrativas, colocam-nas como parte do cotidiano. São formas a serem pensadas como mecanismos de representação da vida comum. Entretanto, não cabe a estes veículos trazerem as narrativas apenas como a reprodução do cotidiano, mas, sobretudo, como um modo de reinventar o corriqueiro, de transformá-lo, de dar-lhe novos sentidos e de inserir-lhe novas práticas. João da Filmadora parece reinventar o cotidiano de sua cidade, e o dele próprio, ao levar Campina do Monte Alegre para a mídia nacional, pois é ele mesmo quem afirma que, nas mídias, a cidade fica maior e mais agitada

do que realmente é. Campina do Monte Alegre consegue, pelas mãos de João da Filmadora, transformar-se em acontecimento midiático, porém, sem a transformação das narrativas em notícias, o que envolve uma série de profissionais das mídias com as quais João tem contato e, com o tratamento dado às pautas por estes profissionais, até que se tornem notícia, a ação de João da Filmadora como mediador não ganharia tanta amplitude. A cultura, de acordo com Lotman (1978) é um grande texto. As crenças, a religiosidade, os mitos são, portanto, textos culturais. Estes textos estão presentes e são continuamente atualizados, tanto pelas narrativas populares, cotidianas, míticas, quanto pelas mídias. Meditsch (2010, p. 36) afirma: “Se a cultura está para as sociedades assim como a memória para os indivíduos, como afirmam os antropólogos, é o senso comum a sua principal forma de manifestação”. Também observa que “entender o senso comum é fundamental para compreender os processos cognitivos envolvidos na comunicação jornalística e a participação do jornalismo na produção dos acontecimentos e, conseqüentemente, na construção da realidade” (ibidem).

Ao que parece, ao invés de salientar os fatos de Campina como lugares específicos de uma cultura, com todas as suas singularidades, o que as mídias buscam é uma fatia de ficcional nestes fatos, reforçando-os como anomalias.

João da Filmadora, apesar de ser um narrador, não é o detentor da tradição, mas alguém que conhece fontes para as narrativas tradicionais e também um observador atento do mundo a sua volta, extraindo pautas das mais variadas situações do dia a dia e capaz de relacionar os narradores tradicionais e a mídia, por perceber aquilo que pode interessar como valor-notícia. Trata-se de um jornalista informal, mas também de um relações-públicas informal, conhecedor de sua cidade e de seus cidadãos, respeitado pelas autoridades locais como aquele que leva a cidade de Campina para a grande mídia, mas também como alguém que reclama, denuncia e conhece jornalistas e veículos de comunicação de todo o Brasil, o que significa um poder simbólico e político no contexto da cidade, do qual João tem plena consciência. Também é ele o mais capacitado tecnologicamente para abastecer os meios de comunicação, pois detém e domina as novas

tecnologias, ainda escassas na cidade de Campina do Monte Alegre. João percebe os modos como devem ser construídos os relatos, dando-lhes tintas midiáticas, valorizando aspectos que inserem o corriqueiro no inusitado, além de perceber o ganho pessoal, o prestígio que pode significar ter voz nos meios, e ainda que utilize deste privilégio, também faz dele uma forma de conseguir o bem comum. Porém, em uma de suas pautas, vendeu um prato inventado, mas não tão consumido, em Campina – o chouriço doce. Consumir chouriço salgado pode ser um fato comum. O bizarro de adoçar-se um prato, tradicionalmente salgado, assume valor de notícia, e interessa como curiosidade, como novidade e, sobretudo, como excentricidade, marca bastante presente nas pautas levantadas por João.

Com o jornalismo informal praticado por João da Filmadora, vozes dissonantes ganham espaço midiático e se fazem ouvir no contexto nacional, a partir do reforço de seus traços locais. Resta saber em que medida estes traços locais são narrados como singularidades que caracterizam os fatos do mundo e da cultura em sua ampla complexidade ou se, apropriados pelas mídias, restam como apenas um reforço dos estereótipos.

O desafio está em se encontrar um equilíbrio de forças entre o interesse do público pela ficção presente nos fatos a serem narrados como notícia e no papel dos narradores como mediadores entre o fato e o acontecimento midiático, neste caso, João da Filmadora e as mídias. É a partir deste ponto que se construirá uma outra narração.

## Referências

AGUILAR FILHO, Sidney. **Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945)**. Campinas: Unicamp, 2011.

BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. *In*: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: **Magia, técnica, arte, política**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BERGER, Christa e TAVARES, Frederico M. B.. Tipologias do acontecimento jornalístico. *In*: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978.

MARTINO, Luiz C.. “A atualidade mediática: o conceito e suas dimensões”. Anais do XVIII encontro Anual da Compós. Belo Horizonte: PUC-MG, 2009.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. *In*: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

PONTES, Felipe Simão e SILVA, Gislene. Acontecimento jornalístico e história. *In*: Benetti, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

## **Webgrafia:**

<http://www.cmcampinamtealegre.sp.gov.br/>